

ANTÓNIO CÂNDIDO FERREIRA

CÂNTICOS
DO ESTIO

VERSOS DO AMOR
E DA VERDADE



EDIÇÕES EXPANSÃO



134.3-1Ferreira,

As per imitator Luiz,
oferece, com um always,
o autor,

Estimado Sr. Luiz
Lisboa

20-4-948
CANTICOS DO ESTIO

Obras do Autor:

Versos e Música

Género de dança

Vinte músicas para piano, entre as quais:

- Apalxonada!** — Tango-canção—6.^a edição.
Nolva!—Valsa—2.^a edição.
Namorados—Marcha popular—3.^a edição.
Amor do coração!—Tango-canção—2.^a edição.
Gosto de ti!—Fox-trot—2.^a edição.
Saltadinho do Minho—Dança regional—2.^a edição.
Louca de amor!—Tango-canção—2.^a edição.
Santo António de Lisboa—Marcha popular—2.^a edição.
Acorda, coração!—Tango-canção—2.^a edição.
Declaração de amor—Valsa—2.^a edição.
Amor a quanto obrigas!...—Tango-canção—
Canção do soldado—Marcha—

Género "lied"

Dize que sim — Canção portuguesa — (para piano e canto).

Versos

Água da rocha
Cânticos do Estio.

Prosa

A Realidade da Vida (a publicar)

ANTÓNIO CANDIDO FERREIRA

CANTICOS DO ESTIO

— Versos do Amor e da Verdade —



*Bonalima
Pereira*

Edições
EXPANSÃO

DEPÓSITO

Rua António Pedro, 72 — Telef. 5 2161 — LISBOA

2017
CANTON
DO BASSO

2180



Sonetos

LONGE DE TI

— A Barcelos, minha terra natal —

Oh, minha terra, quanto te desejo !
Quanta amargura no meu peito aflora,
Por não te ver, não me ser dado o ensejo
De ter-te, junto a mim, a cada hora !

Quanto te quero, só eu sei, agora,
Sem esse teu sorrir que tanto almejo...
Só eu sei quanto, na distância fora,
Lanço o olhar para ver-te e não te vejo !

.....
Na ausência é que se quere à coisa amada,
É que se tem, na alma alanceada,
Um grande apêgo, uma afeição sentida!

Longe de ti, nesta saudade imensa,
É que eu sei quanto é grande a minha crença...
Quanto te adoro, quanto me és querida!

NATAL

Natal! Sorrir do Inverno agreste e inclemente,
Da neve enregelante e das frias geadas,
Da chuva que fustiga em ritmo impertinente,
Do vento que sibila e corre em redmoinhadas!...

Natal! Evocação das palavras amadas,
Prêgadas por Jesus ao Mundo, brandamente,
E que a-pesar do gelo e o frio das nortadas,
A nossa alma conforta e afaga extremamente!

ANTÓNIO CÂNDIDO FERREIRA

Cristo gravou, bem fundo, em tábuas a Sentença...
Que nunca mais se apaga; antes aumenta a crença,
Quando a lembramos, mais e mais se vivitica!...

De Natal a Natal, sempre, em milhentas voltas,
Tudo passa e se esvai... os homens, as revoltas;
Porém a Fé perdura, essa não passa, — fica!

COMO A QUERO

Quero-a, meu Deus, gentil e sã, formosa
Do corpo e alma, casta, virginal!
Tão bela e delicada como a rosa
Mais fina e mais fragrante do rosal!

Um coração magnânimo e leal,
Uma alma cristã, pura e bondosa;
Esposa dedicada, divinal,
Mãe desvelada, terna, carinhosa!

ANTÓNIO CÂNDIDO FERREIRA

Porém, se, acaso, não Vos merecer
Este tão grande anseio, este querer
Que é luz e vida, esta ventura em suma;

Então, Senhor, poupai-me ao sacrificio
De ver o meu ideal em precipício...
Então, Vos peço,—não me deis nenhuma!...

HERÓI

— Ao Soldado Desconhecido —

Mentira! Morto, não! Não o digais,
Porque ele ainda vive, na verdade!
Quem morre pela Pátria, vive mais,
Vive sempre, por toda a eternidade!

Tombou nesse momento de ansiedade,
Vicissitude, lances, brados, ais...
Num rasgo de valor, de heróicidade,
Tão nobre que, sem ver, não calculais!

ANTÓNIO CÂNDIDO FERREIRA

Mas, nesse mesmo instante em que tombou,
Qual grito de clarim que ressoou,
Ergueu-se de entre as cinzas da metralha!...

Vê-de!... Hoje é que ele vive... é que se sente,
No palpitar de orgulho em toda a gente
Que, no seu peito, o guarda, o agasalha!...

PORTUGAL-BRAZIL

Vê-de o Brazil, o filho predilecto
Da Casa Portuguesa, a Lusa Gente!
São, Pai e Filho, iguais no grande affecto
Que dura e durará, eternamente!

Emancipou-se. Está sob outro tecto.
Mas o paterno Lar ele inda sente;
No Oceano Atlântico há caminho recto
Que os liga e põe em vista permanente...

E nesse Mar imenso da amizade,
Cada onda é lembrança e é saudade...
E as ondas são aos centos, são aos mil!

Olhai como o Oceano, paternal,
Beijando *Santa Cruz* diz — Portugal —
E abraçando o *Restelo* diz — Brazil!

O TEU QUERER

Tens nesse olhar um fogo que incendeia
A minha alma, louca, delirante,
Em seu redor, em atracção constante,
Qual mariposa em volta da candeia!

Tens no sorrir um cális, que estonteia,
De argêntea luz, de amor irradiante...
E no teu peito lácteo, arquejante,
Um iman que me atrai e que me enleia!

Tens na formosa e angelical figura,
Tão leve e graciosa, casta e pura,
Grande poder em mim,—de me perderes!...

E, mais que tudo, tens,—meu Deus! Senhor!
Um tal querer que aumenta o meu amor:
Querer constante de me não quereres!...

ILUSÃO

Dizem que a ilusão é da criança.
Mentira! A vida é toda uma quimera;
Trilhamos o caminho, sempre à espera
De haver o áureo fruto da esperança...

O tempo roda e ele não se alcança.
E ao desengano a gente desespera.
Mas... volta a crença, e nova confiança
Nos leva à mesma fé que nos trouxera.

A vida é ilusão, falácia, sonho...
Quem despertar terá viver medonho :
Descrente, desolado, de sofrer !

Sem ilusão, que a alma nos conforte,
É ter o vácuo em nós, sentir a morte,
Antes mesmo da hora de morrer !...

QUEIXUME

Não é o inverno agreste da nortada,
Da neve fria e chuva impertinente,
Que ao pobre tolhe a sua caminhada
E o desanima, o torna mais descrente...

Não é a fome negra e inclemente,
De ruím conselho, cega, desvairada,
Que o seu fadário torna mais temente
E a sua alma faz esfarrapada...

Mais do que a fome e o frio do caminho,
O que arrepia e gela o pobrezinho
E o coração confrange e sobressalta,

É ver um lar, no qual o pão redobra...
Negar, com egoísmo, em tanta sobra,
Uma migalha a quem o pão lhe falta !

AMOR PROPRIO

Quero-te muito! Nem calculas quanto!
Só Deus bem sabe o que me vai no peito.
É tão grande este amor, tão puro e santo,
Que sinto o coração ser já estreito!...

Porém, amor rogado não aceito;
Antes a vida amarga, o negro pranto...
Antes meu lindo sonho ver desfeito,
Abandonando o bem que quero tanto!

ANTÓNIO CÂNDIDO FERREIRA

Antes ser desolado a vida inteira,
Qual onda que vai só, mas altaneira,
Para o seu fim na praia, e onde rola!

Antes morrer de sofrimento e dôr
Do que aceitar assim o teu amor,
Por compaixão,—como quem pede esmola!...

SONHO

Sonho é tudo na vida e não é nada;
Bem que nasce e que acaba em nossa mente,
Como o resplandecer de uma alvorada
E como o declinar do sol poente.

Uma esperança vã, visão ardente,
Sempre, pela ambição alimentada,
De andar na vida, venturosamente,
Numa suave e bela caminhada...

ANTÓNIO CÂNDIDO FERREIRA

Sonho é ânsia, desejo insatisfeito ;
É sentir um clarim dentro do peito,
Dia a dia, em constante retinir...

É filho do ideal e da incerteza,
Irmão da claridade e da beleza,
Tesouro que nós temos, e há-de vir!...

VÃO INTENTO

Um dia, caminhando, solitário,
Por regiões sidéreas, e sem norte,
Despreocupado, entregue ao meu fadário,
Senti rugir ao pé de mim a morte.

-- Quem vens buscar?... — Interoguei bem forte.
E, enfrentando o terrível adversário,
Resolvi atirar-me a ele, à sorte
De o vencer ou tombar no meu calvário...

Porém, ela, em tremenda dialética,
Moveu a boca horrível, esquelética...
E o meu intento eu vi quanto era vão:

— Vai-te! Procuro os fracos, foragidos,
Que os fortes como tu, os destemidos,
Como vês, tenho-os sempre aqui na mão!

O TEU ORGULHO

Essa altivez que o teu amor invade
Terás ainda um dia de a abater ;
Que para mim só vence, na verdade,
A mulher que se sabe submeter...

A minha grande força de vontade
Jámais alguém a poderá vencer.
E nas questões de amor e de amizade
Tenho o dom de, querendo, não querer...

Esse amor caprichoso, creio bem,
Ha-de inspirar-me, sempre, o meu desdem,
Até que tu lhe dês carinho e geito...

Qual onda a desfazer-se no rochedo,
Esse orgulho has-de, um dia, talvez cedo,
Quebra-lo na muralha do meu peito!...

OUTONO

Outono triste. A lívida folhagem
Cicia, moribunda, no arvoredos...
Lá vem o Inverno, que esta morna aragem
É dele anunciadora, é arremêdo!

Ai das flores! A gélida friagem
Queima-las-há. E o passarinho lêdo
Não mais saltitará entre a ramagem,
Contando ao ribeirinho o seu segredo...

Tombam as folhas em remoinho vivo.
E eu fico em sobressalto e pensativo,
Sentindo o seu bater mansinho às portas!

É que, da mocidade, as ilusões
Hão-de caír, também, dos corações,
Rolando como essas folhas mortas!...

DESCRENÇA

Julguei a vida sã. A Humanidade
À imagem do Senhor. E, nesta crença,
Eu percorri a verde mocidade,
Pleno de fé, de confiança imensa.

Porém, rodaram anos, sem piedade...
E, pouco a pouco, à sua acção intensa,
Foi-se encobrimdo a rósea claridade,
Pela nuvem espessa da descrença...

A dúvida expulsou a confiança
Na justiça e no amor. Hoje, a esperança,
À minguá, emurcheceu no meu jardim...

Vivo em desolamento assaz profundo...
E neste geito de descrer no Mundo,
Eu já nem sei se mesmo creio em mim!...

NÃO TENHAS PENA

Não tenhas pena, amor! Veste alegria
No teu semblante triste, acabrunhado.
Rasga o ar de piedade, tão magoado,
E vem viver o resplendor do dia...

Que importa eu vá partir, se ser soldado
É uma honra, e da maior valia?
A Pátria tem a tudo a primazia,
E não lhe acudir, pronto, é um atentado.

Não tenhas pena, vê, minh'alma é forte.
Morrer por um dever, não custa a morte ;
Irei sem um desânimo, uma queixa :

Deixa-se o amor da mãe idolatrada,
O amor da noiva, o da mulher amada...
Porém, o amor da Pátria não se deixa!

VELHO AMIGO

Tu viste-me nascer, pinheiro antigo,
E traquinar, debaixo dos teus braços,
Em ingénuo palrar, dando mil traços...
Que, hoje, reproduzir eu não consigo!

Sorriste à pretensão dos meus abraços,
Em tentando trepar, ir ter contigo...
Às minhas diabruras e erros crassos,
Que, então, eu não sentia, tronco amigo!

Quantas vezes, deitado em verde alfombra,
Me abrigava, na sesta, à tua sombra,
Tecendo conjecturas, ilusões!...

Eras velhinho já! Há tantos anos!
E vê: eu vivo agora desenganos...
E tu sorris, ainda, às gerações!...

A AMBIÇÃO

Eu ia, descuidado, pela estrada
Desta vida tão cheia de incerteza,
Alimentando em mim a ideia grada
De um Mundo de bondade e de beleza,

Quando de outro caminho, logo à entrada,
Que cruza o meu viver de singeleza,
Me surge, sem contar, com estranheza,
A pérfida ambição que assim me brada :

— Vem comigo. Terás o que quizeres :
Riquezas, honrarias e mulheres...
Só quero a probidade por usura...

— Maldita ! Repliquei, firme e sereno :
Antes pobre e sem fama, ser pequeno...
Mas grande em ter a consciência pura !

ROMPIMENTO

Não quero ver-te mais! Tudo acabou.
Já não és essa estrela que eu mais via...
Surgiu o Outono, o frio, a invernia
No meu amor, que o arrefeceu, gelou!

Agora, esse sorriso de ironia,
Que tanto e tanto em ti pontificou,
Há-de se transformar em agonia...
E terás, sempre, a dor que em mim passou!

Hás-de nas tardes mornas e doiradas,
Lembrando, com ardor, minhas passadas,
Sentir cruéis saudades, — padecer !...

Tem o Destino leis que te condenam...
E eu que nunca me rio dos que penam
Hei-de me rir, então, do teu sofrer !

NÃO SEI . . .

Não sei, meu Deus, não sei porque razão
A Humanidade vive em desavença,
Se a Terra é grande, se a riqueza imensa
E o nosso Fim igual, sem distinção! . . .

Ha tanta inveja, tanta malquerença,
Ha tanto coração sem coração,
Que, tristemente, minha alma pensa
Se, acaso, é nome, apenas, a afeição!

Em toda a parte vejo hipocrisias,
Ressentimentos, ódios, heresias,
E, por isso, é tão fundo o meu desgosto

Que, nesta ausência enorme de bondade,
Eu chego a convencer-me que a verdade
É capa onde a mentira embuça o rôsto!...

DESILUSÃO

Parti, um dia, em busca do impalpável,
Em mais alta ascensão, na minha esfera,
Como quem, procurando o insondável,
Se eleva à região da estratosfera.

E parei no ideal, no qual impera
A justiça impoluta e implacável,
Com a fé em que a mãe o filho espera,
Sem desfalecimento, inquebrantável.

.....
Hoje, porém, que tudo profundei,
Nos «raids» que em espírito tentei,
Revedo-me na crença do passado,

Por mais que me desculpe não perdôo
O ter, um dia, permitido vôo
A este meu temperamento alado!...

NÃO PENSES MAIS EM MIM

Não! Não me esperes mais. Não te apareço.
Que o teu meigo sorrir já não me afaga!
Amor findo, sem dúvida, e confêso;
Veio e desfez-se como em praia a vaga!

Dizer que o amor é luz que não se apaga
É fantasia ou lei que desconheço.
Resulta de uma seta em arremêso...
Apenas dura enquanto dura a chaga!

Não penses mais em mim. Tudo se foi.
Ferida cicatrizada, já não doi...
E o ódio, a seguir, virá, talvez!

Mas certo é que jamais eu te procuro...
E embora tu me chames crú e duro,
Hei-de fugir de ti. Não mais me vês!

CORAÇÃO INSATISFEITO

¿ Porque vais tu agora contrafeito,
Preocupado, doente, dolorido,
Como quem, vendo o seu sonho desfeito,
Caminha ao Deus dará, desiludido ?!

Responde, coração ! ¿ Porque has sofrido
Essa mudança, o magoado geito,
Se o teu viver foi, sempre, tão florido,
Pleno de sol, alegre, satisfeito ?!...

¿Porque vais desolado, tão sombrio,
Tão ermo e murmurante, como o rio,
Soltando vãos lamentos, tristes ais?!

— Porque julguei a Vida humanizada ;
Mas vejo-a, em toda a parte, ensanguentada
De invejas, ódios . . . lutas canibais !

TU, SIM!

Tu, sim! Tu és, mulher, o meu amor,
A maior sinfonia da beleza!
És simples, tens resignação à dôr,
— Um mixto de alegria e de tristeza!

Em ti há virgindade e há pudor,
Dedicação, renúncia, fé, pureza!
És delicada e fina como a flor,
Tens a figura e o trato de princeza!

Tu, sim! Tu és, amor, o meu ideal,
A rosa mais perfeita do rosal
Do meu querer, o meu maior desejo!

Em suma: a encarnação da formosura!
Porém, meu Deus, acaba a noite escura,
Rompe a manhã, acordo... e nada vejo!...

SOFRIMENTO

Meu Deus! Eu soffro, e vejo que a alegria
Rutila em tantos peitos, que nem sei
Se para todos nasce a luz do dia,
Se, acaso, a todos rege a mesma lei...

Soffro, se peço, e quando não pequei;
A minha alma vive escura e fria...
E, sempre, nela tive e alimentei
A fé que aquece e a crença que alumia!...

ANTÓNIO CÂNDIDO FERREIRA

Grande a pena a que a Vossa mão condena :
Sofro por mim e sofro por quem pena;
Não tenho de acalmia um só momento !

Senhor ! O sacrificio ingente, atroz,
Dividi, bem igual, por todos nós,
E terão todos pouco sofrimento !

Quadras soltas

28/10/2015

QUADRAS SOLTAS

Quando passas, tu assumes
Tal importância, tal geito,
Que parece que resumes
O Mundo todo no peito !

O dinheiro é como a água,
Ou como a pedrada solta;
Se se desprende da mão,
Corre, corre e não mais volta.

As janelas dos teus olhos
São de uma beleza rara.
Antes, porém, fossem feias,
Porque mas fechas na cara! . . .

Sem penas não se namora,
«Não há belo sem senão» :
Quem quizer colher a amora
Tem de picar-se na mão.

Dizes que um beijo não queres,
Num não estranho, esquisito.
És como as outras mulheres . . .
E eu finjo que te acredito !

Saudade, mal que perdura
No que parte e no que fica;
Doença que não se cura
Com remédios da botica.

Na noite do teu olhar,
Esses lábios de coral
Andam-me sempre a lembrar
Uma aurora boreal...

Ái de quem se precipita
No abismo da desgraça.
Em vão se lamenta e grita,
Bem se importa quem lá passa...

Dizes que não sou o mesmo,
Que, agora, mudei de ideia.
Bem sabes que o amor da praia
Fica enterrado na areia...

Para falar-te, mulher,
Longos caminhos corri.
E vê como eu emudeço,
Agora, junto de ti!

Nestas questões de amizade,
Há uma troca exquisita :
Quem fica, para alguém parte...
Quem parte, para alguém fica...

É um contraste perfeito
Esse teu rosto, Maria :
Nos olhos tens sempre a noite...
Na boca tens sempre o dia !...

Poesias

PRIMAVERA

Primavera! Primavera!
Ser como tu, quem me dera,
Eterno em meu gorgear!...
Sempre em caminhos de flores,
Colhendo afagos de amores,
Em festivo gargalhar!...

Passar a vida em folia,
Em constante romaria,
Cheia de luz e de côr!
Ser o meu viver um sonho,
Infundo, róseo, risonho,
Um hino eterno de amor!

Andar, sempre, a chilrear,
Em contínuo saltitar,
Como os passarinhos ledos!
Ser minh'alma um rouxinol
A trinar, de sol a sol,
Em copados arvoredos!

Não sentir o coração...
Viver, sempre, em ilusão,
Em descuidado prazer!
Sempre em cantiga pegada,
Sempre em gritante alvorada,
Em doirado amanhecer!...

.....

Mas não!... Tu vais pelo Estio,
Chegas ao Outono, ao frio,
E lá adormeces, invernias,
Onde houver abrigos de azas,
Nos troncos, tocas e casas,
Nas paredes e cavernas!...

E quando findar a neve,
Despertas do sono breve,
Prazenteira, sorridente!
Vives, sempre, na alegria,
Hora a hora, dia a dia,
Ano a ano, eternamente!

E eu... eu,—pobre de mim—
Levarei alegre Estio...
Ao Outono chegarei,
Se Deus o quizer assim.
E quando vier o frio...
Também adormecerei...
Mas não mais acordarei
Pelos séculos sem fim!...

OS POBREZINHOS

Quase nós, esfomeados,
Corações esfarrapados...
Lá vão os pobres velhinhos,
Em prece lamurienta.
Tão preversa a sua sorte!...
Arrastam, pelos caminhos,
Na sua sina cruenta,
No seu infindo carpir,
A miséria e a dor consigo!
¿ Quem lhes negará amparo?
¿ Qual o ente infame, ignaro,
Lhes recusa repartir
Pão, agasalho ou abrigo?!

Choram crianças com fome.
As mães, loucas de aflição,
Que as desespera e consome,
Tendo lá dentro a sangrar
O dilecto coração,
Por nada ter que lhes dar,
Já não sabem que fazer!...
E vê-se tanta riqueza,
Tantos palácios e quintas!...
¿ Quem despreza o seu gemer?
¿ Quem é que tem farta a mesa
E as deixa andar famintas?!

Farrapos de alma tão fria,
Os dementes, os cèguinhos,
Os inúteis, aleijados,
Num lamento que arripia,
Estendem, pelos caminhos,
A mão da negra miséria!
Desditosos, desgraçados,
Nem podem ganhar a féria!

Vivem, da esmola, à mercê!
¿ Qual o coração cruel,
Egoísta e empedernido,
Que vai consigo metido,
Fingindo que não os vê?!...

¿ Quem abandona a pobreza?
¿ Quem agrava, na avareza,
No seu feroz comodismo,
A desventura de tantos?!
¿ Quem se fecha na riqueza,
Num criminoso egoísmo,
Deixando os outros em prantos?!...

Meu Deus! Ao que é causador
Do mal do seu semelhante,
Retirai o Vosso Amor,
E mandai-lhe a maldição,
Um viver igual, errante,
Se julgardes ser preciso!

Ao sofrimento e à dor,
Abrandai-lhe o coração,
Fazendo-o brotar carinhos,
Esclarecei-lhe o juízo,
Para que ele pense e veja
Que aquilo que lhe sobeja
Só pertence aos pobresinhos!

NOITE DE S. JOÃO

Tende cautela, cachopas,
Cantai, saltai devagar ;
Vêde os rapazes em volta,
Como ardem por vos queimar !...

Cuidado, nesse terreiro
De cravos e mangericos !
Amores de S. João
Não passam de namoricos...

Rapazes, vá, siga a roda,
Mas, cautela, muito siso...
Que as raparigas da moda
Perdem, depressa, o juízo...

Moça, não vás a correr...
Tens tempo de ser casada.
Ao queimar as alcachofras,
Vê lá se ficas queimada!...

Dá-me um beijo, tenho sede...
Que este amor anda abrasado!
Na noite de S. João
Os beijos não são pecado...

A alcachofra que eu queimeí
Por ti, amor, não floriu.
Ou me enganou a alcachofra,
Ou teu coração mentiu!

Se disse que te queria,
Não devias confiar...
A noite de S. João
É para a gente folgar...

Olha o balão como vai,
Tão lindo, a arder, a subir!
Tambem assim sobe o amor,
Para, mais tarde, cair...

No S. João me perdi...
Não vale a pena chorar!
Voltarei lá tantas vezes,
Que outro amor me há-de encontrar.

Alcachofras, mangericos,
Cravos em sangue, em rubor...
Se não houvesse ilusão,
O que seria do amor?!...

OS MEUS AMIGOS VERDADEIROS

Eu tenho tantos amigos,
Tantos, tantos,
Que nem os posso contar.
Todos antigos,
Desde a infância,
Quando eu andava
Em descuidado traquinar.
São tão amigos,
Tão fieis, dedicados companheiros,
De uma tal constância
E de uma tal magia,
Tão diferentes, tão diversos

Na maneira de atrair,
Na sua forma de ser,
Que são a minha alegria,
Meu desejo de viver !
E converso com eles
A cada passo,
À medida em que os vejo.
E nada falamos,
Mas dizemos tanto,
Nesse mútuo sentir,
Nesse entendimento mudo,
Que estar sempre junto deles
Para mim na vida é tudo :
São as árvores frondosas,
Que me dão belos frutos sumarentos,
Ou abrigo e sombra ;
As flores tão formosas,
De embriagadora fragrância
Que a minha alma inebria ;
Os prados tão verdejantes
E matizados de flores,
De tanta variedade,

Que me dão mimosa alfombra,
Tão suave, tão macia;
As fontes cristalinas e cantantes,
Que falam do amor e da saudade
No seu infindo palrar;
Os tristonhos ribeirinhos,
Tão humildes, rasteirinhos,
Que passam a segredar,
Em graciosos serpenteios;
Os ingénuos passarinhos,
Que me encantam, delicias
Com os seus finos gorgeios;
As voláteis mariposas,
Tão diáfanas, mimosas,
De tanta graça e leveza,
E muitas outras coisas mais
De sedução e beleza!...
Eu tenho tantos amigos,
Tantos, tantos,
Que os não posso enumerar,
Que os não consigo dizer,
Porque a conta não tem fim.

Mas sei-os compreender
 E eles entendem-me a mim.
 Não falam com ironia,
 Nunca se mordem de inveja,
 Não me mostram ambição,
 Não dão sinal de arrelia,
 Ou de hipocrisia,
 Nem cometem má acção.
 Não me odeiam, nem criticam,
 De mim nunca dizem mal,
 Só falam a linguagem da verdade !
 Por isso, tenho-os, sempre, em pensamento,
 Por isso, só me dão contentamento,
 Encanto e suavidade !
 Sei que são tão sinceros, tão leais,
 Apesar de não falarem,
 Que não os posso esquecer ;
 Tão belos, devotados companheiros,
 Que não há no Mundo iguais,
 Nem que a eles se comparem !
 São amigos a valer,
 Os meus amigos verdadeiros !...

ORAÇÃO DA NOITE

Noite bela, esplendorosa!
No Céu,—um deslumbramento!
Todo polvilhado de oiro!...
Na Terra, segue o tesoiro
Que a nossa alma arrebatá!
Eu nunca a vi tão formosa,
Com tamanho encantamento,
Tão esmaltada de prata!...

No Luar, que sedução!
E que arroubo o das estrelas!

Nesse estranho cintilar,
Sinto que o meu coração
Se desprende para elas...
E fico, então, a cismar,
Durante horas esquecidas :
; Porque há estrelas brilhantes,
Outras menos lucilantes
E outras quase sumidas?!...

No escrínio azul do Céu,
Nesse diamantino véu,
Tantas estrelas
Guarda Jesus!...
Meu Deus! ; De quem são aquelas
Que tremulam como velas
De frouxa luz?!...

Senhor! Na tua mão, cheia,
— Tantas luzes numa Luz —
Seguras uma candeia

De milhões de bicos feita!...
 Se por cada estrela nada,
 Uma vida é germinada,
 ¿Onde está minha luzinha?
 ¿De quem será, meu Jesus,
 Aquela que bruxoleia
 E que está quase desfeita?...
 Será a minha!?...

Se é, Filho de Maria,
 Não deixes amortecer,
 Não a faças apagar!...
 Promete, dá-me a alegria
 De a tornares a avivar!
 Não tragas o anoitecer,
 Que inda está em meio o dia!...
 Não me dês o negro sono!...
 Anda, prolonga o viver
 Dessa luz amortecida,
 Que inda não veio o Outono...
 Que inda é verde a minha vida!...



O MEU QUERER

Eu tenho um mundo,
Dentro do mundo do meu viver,
Um outro mundo,
Tão imenso, tão profundo,
Que me dá vida e prazer!
É de ideal, sem ser de ódio,
Nem de inveja ou ambição.
É de amor,
Sem ser desse amor vulgar,
Este meu desejo ardente
Por que bate o coração!
É de querer bem,

Seja a quem for.
Tenho pena de todos os que sofrem,
De todos os que vivem em martírio,
Sem nenhuma distinção :
Do grande e do pequeno
Do fidalgo e do plebeu,
Do rico e do pobre !
Quem tem a alma branca como o lírio
É que anda em meu coração,
É, para mim, o grande, o rico,
O que pertence à classe nobre !

ROMARIA

Como é linda a romaria!
Que entusiasmo e movimento
De uns que vem, outros que vão,
Cheio de luz e de côr,
Dos mais policromos tons,
Nas vestes das raparigas
De ver a nosso Senhor!
Por toda a parte há cantigas
E danças, animação!
Ha foguetes a estoirar,
Girando para as alturas,
Garbosos e resfolgantes;

Os sinos, tlim, tlão,
 A filarmónica a tocar,
 E ranchos endiabrados
 Em animados descantes!
 Há pares de namorados
 Que trazem cravos no peito
 De rubra côr,
 Símbolo do coração
 Que arde cheio de amor!
 Oh! Que vibrantes folguedos
 Se soltam da romaria!
 Que loucura, que atracção!...
 De a ver eu sinto alegria,
 Eu tenho o meu coração
 Dentro do peito a saltar!
 Há nela um borborinho que ensurdece
 E que anima, que apetece
 Nunca mais abandonar!...
 Ai, se a vida sempre fosse
 Assim alegre, assim dõce,
 Seria boa de levar!...
 Porém, o meu coração,

A pouco e pouco, esmorece.
Vai em meio a romaria,
E em toda a parte procura
Aquilo que é mais que tudo...
E não vê, não aparece!
Já não têm graça as cantigas,
Os descantes e as danças
Dos rapazes, raparigas,
Nem a música a tocar!...
Meu coração desanima,
Já perdeu a esperança de encontrar
Esse seu maior desejo,
O seu maior anseio!...
Já nada tem alegria!...
; Que tristeza a romaria,
Porque o meu amor não veio!...

BRAZEIRAS

Olhai como é bela
A ruiva brazeira,
Que arde contente,
Toda prazenteira,
E a todos conforta,
Aquoce, defende
Da neve que gela,
Do frio que corta!...
Parece que sente,
Parece que entende
A alma da gente!...

Vêde-a a gargalhar,
No seu crepitar,
Por junto nos ter,
Quer seja ao serão
Ou na tarde agreste
Do inverno que investe,
Sem dó nem piedade !
Ela faz viver,
Em recordação,
Os tempos de outrora
Que não voltarão
Pela vida fora ! . . .

Ao seu bendito calor,
Confortante, bem-fazejo,
; Quantas promessas de amor,
; Quantas carícias num beijo
Consolador ! . . .

; Quantas histórias, segredos,
; Quantas cantigas, folgedos,

Animando os corações,
Numa alegria sem par !...
; Quantos rogos e orações,
; Quanta saudade, latente,
Da pessoa amada, ausente,
Dentro do peito a sangrar !...

E a brazeira amiga,
Sentindo também,
Vai sempre queimando,
Vai continuando
A doce cantiga
Que afaga e faz bem !...

E no seu conforto,
No seu recordar,
Pensativo, absorto,
Fico a meditar
Nessa Mocidade,
Cheia de ansiedade
Nos seus corações,

Que arde e crepita,
Que se precipita,
Queimando, hora a hora,
Suas ilusões!...
Um dia virá
Que declinará
Esse ritmo louco,
— Como esta brazeira,
Já quase queimada,—
E que, amortecendo,
O vigor perdendo,
Se irá, pouco a pouco,
Como ela, apagando,
Apenas ficando
Cinzas e mais nada!...

HÁ OUTRA MULHER . . .

Há uma mulher
Que nos encanta e inebria,
Quando passa,
Mas não é a nossa.
Há outra mulher
Que nos perturba e dá alegria
Com o ar da sua graça . . .
Essa mulher
Não minto, se disser
Que é a vossa! . . .
O seu sorrir é mais doce,
Mais formoso o seu semblante,

Seu olhar mais expressivo,
Todo o ser mais palpitante!...

Mas, se, acaso, essa mulher,
Que, hoje, nos embriaga,
Qualquer dia vier
A ser nossa,
Depois, há outra mulher
Que mais a alma nos afaga,
A quem a gente mais quiere,
—A vossa!...

E se vier a pertencer-nos
Essa mulher que tanto requestamos,
Que é vossa,
Já não é ela, depois,
A que mais ambicionamos...
Há, sempre, outra mulher
Que prende o nosso querer:
Aquela que não é nossa!...

Meu Deus! Porque nos dais
Esta tentação
De desejar
Aquilo que não é nosso?
¿Porque nos perturbais
O juízo, a razão,
Se o podeis evitar
Com o imenso Poder Vosso?
¿Porque é que, às vezes, ao bom senso
O mau espírito vence?
¿Porque motivo nos levais,
A apetecer,
A ambicionar, a querer,
O que não nos pertence?!...

DEUS SUPER OMNIA

Que empolgante a Natureza !
Que magestosa beleza,
Que ritmo e tonalidade
Esta sinfonia encerra ! . . .
¿ Quem foi que lhe deu grandeza,
Vastidão, sublimidade ?
¿ Quem difundiu a riqueza
Que brota da flor da terra ? !

¿ Quem fez despontar o linho
Que ao colo das moças vibra,
Nas camisas de bragal,
Tão fresco, puro e branquinho ? !

¿ Quem o tornou fibra a fibra,
Para a seguir desfibrar,
Apertado no moinho,
E ir, depois, ao fusal
E do fusal ao tear?!...

¿ Quem criou as ovelhinhas,
De aspecto brando e fagueiro,
Que, nas manhãs orvalhadas
Ou nas amenas tardinhas
Do ridente e calmo Estio,
Sonhadoras, descuidadas,
E submissas, mansamente,
Salpicam o verde outeiro?!...

¿ Quem lhes deu a lã, tão quente
Para fazer nossa veste,
Ou de tecido ou de malha,
De um tom garrido e macio,
Que nos defende, agasalha,
Pelo Dezembro e Janeiro,
Desse Inverno rude, agreste,
Do gelo e neve, do frio?!...

¿ Quem fez germinar o pão
 Que cresceu, se tornou loiro,
 Arrostando os temporais,
 Ou serodio ou temporão?!
 ¿ Quem nos deu esse tesoiro
 Que, aos calores estivais,
 Rapazes e raparigas,
 Separam em bagos de oiro,
 A golpes de mangoais,
 Na leda faina da eira,
 Entre danças e cantigas
 E amor, lá dentro, a ferver...
 Que em farinha torna a azenha,
 E em massa faz a masseira
 E, depois, no forno a lenha,
 Se cose para comer?!

¿ Quem nos deu a luz e a côr?
 ¿ Quem fez o ar que dá vida,
 E a suavidade, o amor,
 Que amortece a nossa dor,

O Sol que ilumina e aquece,
A árvore que reverdece
Para dar sombra e guarida?!

¿ Quem fez a água corrente,
Os cantantes ribeirinhos,
Que nos inspiram saudade...
O gorgear inocente

Dos travessos passarinhos,
Que dizem amor, piedade?!...

¿ Quem fez os prados, as rosas,
A fragância que ha na flor,
E as canoras filomelas?!

¿ Quem nos deu as mariposas,
Chamas volantes de amor,
E os frondosos horisontes?!

¿ Quem foi que nos deu as fontes,
Todas as coisas mimosas,
Encantadoras e belas?!...

Tudo quanto os olhos meus
Vêem ou não pela terra,

Todas as coisas tão belas,
 O Mar, o Céu, as estrelas,
 O fulgor dos olhos teus,
 Cheios de encanto, de amor,
 Como não vejo no Mundo,
 Toda a magia que encerra
 Esse teu olhar profundo,
 Tudo o que a minh'alma sente...
 Tudo é obra do Senhor,
 Desse Deus Onnipotente!

Deus é a luz, a inteligência,
 A paz, o amor, a concordia,
 O Poder e a clemencia,
 Compaixão, misericórdia!
 Deus é Força enorme, etérea,
 De espiritualisação,
 Que move a massa, a matéria,
 E a que obedece a razão!
 Se Ele está em toda a parte,
 Se de outros deuses é Deus:

Jupiter, Venus e Marte...
Se Deus é tudo, é imenso,
O Universo, o Infinito,
Se é Facho eterno, — flameja!
E nós míseros pigmeus,
Assombrado, às vezes, penso,
E, profundando, medito:
—Como ha quem o não veja?!
Como ha quem negue a Deus?!

EXORTAÇÃO DIVINA

Volvera Deus à Terra o Seu olhar divino,
Omnipotente, esplendoroso, cristalino,
Todo luz e verdade !
E vendo, com desgosto, o Velho e o Novo Mundo
Em contínuo conflito, em tanto desatino
Que tocava a demência,
Logo, com severidade,
Perguntou, incisivo e profundo :
— Para onde vais oh, louca Humanidade ?...
Quais são os teus desígnios ?...
¿ Despresas o amor e a humildade,
Segues por ruínas caminhos, tortuosos,

Abandonando os bons, os rectilíneos!?...
¿Quem pensas que és, degenerado homem,
Que contextura julgas tu que ofereces?...
¿Tu não atentas, porventura esqueces
Que és lama sêca,
Logo à primeira chuva se desfaz?...
¿Tu não reflectes que és, na minha mão,
Como na tua a fibra mais mimosa,
Sem consistência nenhuma:
O bago de uva,
A velutínea pétala da rosa,
O polen da flor,
A rendilhada espuma?...
¿Em que poder e força te baseias,
Oh, louco ser humano?!...
;Negas a tua própria condição,
A ti mesmo ofendes e guerreias,
Nesse combate insano,
Nessa luta ferina de leão!?...
.....
Moldei-te de maneira bem diferente
Dos outros animais.

C Â N T I C O S D O E S T I O

Para a paz, para a concórdia,
Dei-te discernimento,
Criei-te um raciocínio.
; E, num instinto mau, de canibais,
Na senda da discórdia,
Tu dás-lhe tratos, um labor constante,
A conseguir os meios de extermínio
Do teu semelhante!
¿ Por que é que em ti não reina a paz,
Não floresce a bondade?
¿ Que ideal esse que alimentas de domínio,
De caça,
A ferro e fogo,
Ao teu igual,
Devastando a raça,
Semeando o mal?!...
O que é que buscas tu Humanidade?
Que aspiras alcançar?
; Intentas reduzir essa distância
Que de mim te separa?
Oh, tóla veleidade,
Oh, miserável arrogância,

Que se eu quizera bem a castigara !...
Regressa à tua humilde condição,
Aos limites do teu poder terreno ;
Renuncia à inveja, ao ódio e à ambição,
Ao rancor, ao morticínio,
A essa rivalidade de domínio,
Que tudo no Universo a Mim pertence !
Ama da mesma forma o grande e o pequeno,
Que só assim a tua alma vence !
Enfim... tem sensatez e crença, toma tento...
Lança ao caminho as loucas pretensões,
Muda de rumo, tem juízo, atila...
Que, apenas, bastar-me-ia um Elemento
Para reconduzir-te à primitiva argila !...

TARDE INVERNOSA

Tarde invernosa, fria !...
O vento uiva lá fora
Em lúgubre canção !
Dobram à sua passagem
As árvores, submissas,
Quase beijando o chão !...
A chuva, com fragor,
Atira-se á vidraça,
Num irónico sorriso,
De granizo,
Furiosa,
Anciosa

Por me vergastar!...
Alheio a esta ameaça,
Dentro do meu quarto,
De olhos fitos na distância,
De tudo me aparto,
Absorto,
Em profundo cismar!...
Não há eira nem beira,
Que o temporal não assole!
Revolto, movendo guerra,
Lá longe, ruge o Mar,
Essa imensidade,
Essa mole
De água, avassalando a terra!...
.....
Tarde invernosa, fria,
Que minha alma entorpece,
Estremece
E arripia!...
Mas o que mais me perturba
E entristece
A mais não poder ser,

E me desola,
Me faz desanimar
Este meu viver,
Não é o vento impetuoso,
Nem a chuva fria
Desta tarde de invernias,
De tanta aspereza,
Sem tréguas, sem ter fim,
Que me gela o coração!...
Desolado eu fico, sim,
Num frémito constante
De intensa comoção,
Por não ter a mão amiga
E meiga, que me acarinha,
Me suavisa e acalma,
Me conforta e faz bem!
Eu tenho fria a alma
De viver, sempre, sòzinho...
De não ter ninguém!...

INDICE

Sonetos:

Longe de ti	7
Natal	9
Como a quero.	11
Herói	13
Portugal-Brazil	15
O teu querer.	17
Ilusão	19
Queixume	21
Amor próprio.	23
Sonho	25
Vão intento	27
O teu orgulho.	29
Outono	31
Descrença	33
Não tenhas pena	35
Velho amigo	37
A ambição	39
Rompimento	41
Não sei...	43
Desilusão	45
Não penses mais em mim	47

Coração insatisfeito	49
Tu, sim!	51
Sufrimento	53

Quadras soltas :

Quadras soltas	57
--------------------------	----

Poesias :

Primavera.	63
Os pobresinhos	67
Noite de S. João	71
Os meus amigos verdadeiros	75
Oração da noite.	79
O meu querer.	83
Romaria	85
Brazeiras	89
Há outra mulher...	93
Deus Super Omnia	97
Exortação Divina	103
Tarde invernosa	107



Este livro foi composto e impresso nas
oficinas da **EXPANSÃO GRÁFICA**
LIVREIRA, LIMITADA — R. Actriz
Virgínia, 18-B—Lisboa—acabando de
se imprimir a 13 de Abril de 1948

Edições
EXPANSÃO

biblioteca
municipal
barcelos



27103

Centros do eixo